

TEORIA DO IMPERIALISMO: JOHN HOBSON¹

Caio Martins BUGIATO

RESUMO

O capitalismo se consolidou plenamente e alcançou uma difusão espacial significativa no último quarto do século XIX, criando condições para a democracia liberal-burguesa e para o imperialismo. A partilha da África em 1885, a série de guerras imperialistas que eclodiram no Caribe – entre EUA e Espanha –, na África do Sul – entre bóeres e ingleses – e na China – envolvendo também os ingleses – entre 1898 e 1901 delinearão os termos do problema teórico e político a ser enfrentado, estimulando uma reflexão mais cuidadosa e fundamentada sobre imperialismo. A primeira tentativa séria foi levada a termo pelo inglês John Hobson, em 1902, com seu trabalho *Imperialismo: um estudo*. Este artigo tem por objetivo, por meio de uma pesquisa do cenário internacional da época e da própria obra do autor, analisar o pensamento pioneiro de Hobson acerca do imperialismo.

Palavras-chave: Capitalismo. Imperialismo. Economia Internacional. Guerras Imperialistas.

A passagem do século XIX para o século XX antecipou muito do que seria a centúria futura. Os problemas da guerra e da paz, da democracia e da revolução precisavam ser enfrentados num contexto internacional de agravadas tensões. O termo imperialismo veio sintetizar o desafio teórico político para a compreensão da época que se iniciava.

Para além das fórmulas apologéticas, foram duas as principais vertentes de interpretação crítica do imperialismo que se formaram do início do século até a Primeira Guerra Mundial: a reformista e a revolucionária. A formulação crítica reformista, seja marxista ou não, tende a observar a política imperialista como um desvio ou uma deformação temporária do processo civilizatório capitalista, que deveria ser corrigido, até para que se preservasse o potencial democrático, supostamente contido na ordem burguesa. A leitura reformista do imperialismo está principalmente vinculada ao debate iniciado na Alemanha, no seio do movimento socialista, em torno das idéias de Eduard Bernstein sobre a necessidade de revisão da teoria socialista marxiana por conta das importantes novidades trazidas pelo desenvolvimento capitalista recente.

¹ Este artigo é originalmente tanto parte do Projeto de Iniciação Científica (bolsa CNPq) quanto parte do Trabalho de Conclusão de Curso do discente Caio Martins Bugiato, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Tadeu Del Roio, graduado em Relações Internacionais em julho de 2007 na UNESP – Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Filosofia e Ciências – 17525-900 – Marília – SP. E-mail: bugiato@hotmail.com

Todavia, foi precisamente na Inglaterra e fora do movimento socialista, em 1902, que surgiu uma primeira obra marcante sobre o problema. *Imperialismo: um estudo*, escrita por John Hobson, merece destaque, visto que foi a precursora dos estudos sobre imperialismo e influenciou todo o debate posterior.

Por outro lado, quando tendências mais à direita, que nada tinham em comum com a cultura marxista, predominavam na social-democracia européia, na Rússia, a vertente bolchevique tomou a decisão de promover a cisão teórica e orgânica como reformismo menchevique. Ainda que minoritária, as esquerdas conseguiram fazer passar uma declaração do movimento socialista internacional contra a guerra que se aproximava, ameaçando a burguesia com a revolução. O problema do imperialismo ganhava uma forte presença nesse contexto, o que fez Vladimir Lênin em 1916 desenvolver sua crítica na obra *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Por hora, analisar-se-á somente a obra de Hobson.

John Atkinson Hobson

John Atkinson Hobson nasceu na Inglaterra em 1858 e foi, mediante seus estudos, um dos intelectuais pioneiros da economia moderna e o criador do termo imperialismo. Estudou literatura, filosofia e estudos clássicos na Universidade de Oxford e lecionou na mesma universidade, bem como na de Londres, literatura inglesa e economia. Seus primeiros livros têm o propósito de explicar aos trabalhadores – maioria entre seus alunos – o funcionamento da sociedade industrial em que viviam e trabalhavam, a fim de lhes sugerir maneiras de melhorar sua situação.

Considerado um liberal de esquerda, dedicou-se a partir de 1897 a escrever livros, artigos e a dar conferências ao grande público sobre questões econômicas e sociais. Seus artigos em jornais liberais da época analisavam fatos políticos diários e suas consequências econômicas e sociais, com o objetivo reformista de solucionar o problema da pobreza, da distribuição de riqueza, do bem-estar da maioria da população, etc.

Hobson estudou intensamente o desenvolvimento histórico da dinâmica da economia capitalista com o intuito de reformular as teorias e o enfoque de toda a ciência econômica.

Opunha-se a embasar toda a disciplina na lei da oferta e demanda e a considerar como incontestável o dogma do *laissez-faire*, que desde a Grande Depressão se tornara anacrônico, ainda mais com a intervenção estatal na economia, o protecionismo e o próprio imperialismo. Para ele, era necessário antes de qualquer coisa perseguir o bem-estar humano e vinculá-lo ao progresso econômico. Insistia que, desde David Ricardo a Stuart Mill, a economia havia concentrado sua atenção na produção e acumulação de riquezas e havia negligenciado o consumo e a utilização das riquezas acumuladas. Suas opiniões recordam muitas vezes as de Marx e Engels, no entanto Hobson não propunha a destruição do capitalismo, mas sim sua transformação, humanização e colocá-lo a serviço de todos.

Durante a Primeira Guerra Mundial, foi um pacifista, defendendo e propagando a idéia de instituir uma sociedade de nações para manter a paz e resolver os conflitos por meio de arbitragem, o que se concretizaria com a criação da Liga das Nações após o conflito global. Ao final da guerra, deixou o partido liberal e se uniu ao partido trabalhista, com cujo socialismo moderado e o objetivo de passar do capitalismo ao socialismo pacificamente se identificou plenamente. Faleceu em 1940 aos 81 anos na mesma Inglaterra.

Suas idéias sempre foram um marco para a economia política mundial. A compreensão de sua teoria do imperialismo necessita do esclarecimento de alguns conceitos que permeiam suas obras acerca do tema. Em *Imperialismo: um estudo* (título em português) de 1902, Hobson procura criticar as guerras expansionistas travadas pela Grã-Bretanha, traçando seus princípios sobre o imperialismo que influenciaram de distintas maneiras tantos autores, entre marxistas e não-marxistas.

Hobson rechaça a essência econômica do imperialismo. Para o autor, o papel que fatores não econômicos desempenham na expansão imperialista, como o patriotismo, a aventura, o espírito militar, a ambição política e a filantropia são a força motriz do imperialismo e não os círculos financeiros. Estes são nada mais que os reguladores do motor imperial, os que conduzem a energia e decidem o trabalho a ser realizado, porém não são o combustível do motor, nem o que gera diretamente sua potência. “As grandes finanças manipulam as forças patrióticas que geram os políticos, os soldados, os filantropos e os comerciantes”.²

Para ele, o imperialismo não é um negocio rentável a nenhum país, a não ser para os grupos financeiros, especuladores de bolsa, investidores, etc, a quem Hobson chama de parasitas

² FORPEROSA, 1981, p. 17.

econômicos do imperialismo. O motivo que aguça esses círculos de poder financeiro e os impulsiona a aventura imperialista é colocar vantajosamente no exterior o excedente ocioso de capital que não podem investir lucrativamente em seu país. Isso ocorre porque suas empresas monopolizadas não lhes permitem mais vender a preços lucrativos. E não podem vender a preços rentáveis, pois as massas populares não comprariam, uma vez que têm baixos salários, há má distribuição de renda e não há proporcionalidade entre investimento e consumo. Isto é, a classe trabalhadora não tem crescente poder aquisitivo que precisaria para compensar o aumento da capacidade produtiva resultante do capital acumulado pelos ricos. O desenlace desse processo é que os *trusts* financeiros optam por dedicar seus capitais a empréstimos ou dívidas públicas, com todas as garantias, à países subdesenvolvidos, ou os investem em lugares onde a mão-de-obra e as matérias-primas são baratas e a competição é nula.

Estes investidores, se percebem perigo para seus capitais, seja por sublevações dos nativos, seja por ambições de outra potência imperialista, seja por suspensão do pagamento de empréstimos, mobilizam sua influência junto ao Estado, anexando, formalmente se preciso, sob seu exército, os territórios coloniais.

Imperialismo: Um Estudo

A série de guerras imperialistas que eclodiram no Caribe – entre EUA e Espanha –, na África do Sul – entre bôeres e ingleses – e na China – envolvendo também os ingleses – entre 1898 e 1901, estimulou uma reflexão mais cuidadosa e fundamentada do imperialismo. Essas foram as razões pelas quais John Hobson investigou o tema em *Imperialismo: um estudo*, publicado em 1902. Nesta obra, trata-se de fazer uma crítica ao imperialismo estudando as causas da aceleração do movimento expansionista das nações industriais entre 1870 e a Primeira Guerra Mundial. As análises contidas no estudo são basicamente da história do Grã-Bretanha.

Hobson considera o fenômeno do imperialismo com um desajuste temporal e uma enfermidade curável do capitalismo da época. Todas as idéias expostas pelo autor neste trabalho envolvem sua teoria do excesso de poupança ou subconsumo, através da qual associa a expansão colonial com o desenvolvimento capitalista das metrópoles nos finais do século XIX. Não obstante, são sobretudo os fatores não econômicos que conduzem a política imperialista – aspectos políticos, ideológicos e morais.

Hobson procura expor o termo imperialismo baseando-se em fatos e dados populacionais e territoriais de publicações oficiais do governo britânico. Desde 1870 uma série de nações européias anexou outras regiões da África e Ásia e outras partes do globo, sendo estas submetidas ao controle colonial da metrópole. O autor destaca os três tipos de colônias da coroa britânica: colônias onde a coroa controla totalmente o processo legislativo e a administração é feita por funcionários do governo britânico; as que possuem instituições representativas e a coroa somente tem poder de veto na legislação, mas o governo britânico mantém o controle da vida política; e as quais contam com instituições representativas e governos responsáveis e a coroa apenas tem direito a veto na legislação, porém o governo britânico não controla nenhum funcionário a não ser o governador. Mas poucas colônias estavam enquadradas nos dois últimos tipos, ou seja, quase todos os territórios se encontravam submetidos aos poder absoluto do império britânico. A isso Hobson chama de imperialismo: submissão ao poder da metrópole como forma de absorção política das terras, onde funcionários, mercadores, industriais exercem seu poder econômico sobre “as raças inferiores” e incapazes de praticar o autogoverno.

No que tange o valor comercial do imperialismo, Hobson vê que apesar do volume e valor do comércio exterior e colonial da Grã-Bretanha ser essencial para o bem-estar do país, representava uma pequena porcentagem da totalidade da indústria nacional. Todavia, vê também que uma perda gradual dos mercados exteriores ocasionaria um deslocamento maior de capital de maior mão-de-obra para as indústrias que abastecem o mercado interno, porque os bens que esse capital e mão-de-obra produziram seriam vendidos e consumidos dentro do país. Isso resultaria em grandes perdas, já que o mercado externo era mais rentável do que o nacional. Sendo assim, é fato que a Grã-Bretanha sempre necessitou de mercados externos para comprar – com a renda que obtém desse mesmo mercado – alimentos e matérias-primas que não pode produzir ou é desvantajoso produzir. Entretanto, analisando dados, Hobson se deu conta que entre 1890 e 1900 o valor do comércio exterior não acompanhou o crescimento populacional, ou seja, o imperialismo de nada adiantou para aumentar o comércio britânico, desde que medidas protecionistas foram implantadas na Europa. A expansão britânica também não foi acompanhada por uma elevação da porcentagem do comércio intra-imperial segundo cifras das exportações e importações da Grã-Bretanha, contudo o fator de crescimento do comércio da coroa foram as transações com colônias as quais se havia concedido autogoverno.

Em seguida, Hobson parte de uma crença geral da população a fim de desconstruí-la. Acreditava-se que a expansão imperial seria desejável para absorver e utilizar o excesso crescente da população britânica. Pensava-se que Grã-Bretanha era uma das regiões mais congestionadas do planeta, onde não havia ocupações suficientemente remuneradas, porém havia excesso de oferta no mercado de trabalho. Dessa forma, a emigração a lugares despovoados, preferencialmente sob domínio britânico, seria uma necessidade econômica. O autor desmente tais afirmações, dizendo que de acordo com as forças que operam, a população logo estacionará. Portanto, questiona o enorme gasto de recursos que o governo utiliza para alocar a população, sendo que esta não chegou ao nível de crise social.

Gran Bretanha no está ni ha estado tan densamente poblada como algunas regiones industriales de Alemania, los Países Bajos y China. Por lo demás, siempre que el pasado reciente se ha producido un aumento de la población, ha ido acompañado de un crecimiento mucho mayor de la riqueza y el poder de adquirir alimentos y otros medios de subsistencia. Como consecuencia de la actual especialización de la industria, se ha producido una aglomeración de la población en ciertos puntos, cosa que puede ser perjudicial en algunos casos para el bien estar de la nación; pero ello no quiere decir, desde luego, que el país está superpoblado en el sentido que el numero de habitantes crezca más rapidamente que los medios de subsistencia.³

Logo, Hobson chega à conclusão que algo benéfico para a prática imperialista é o enriquecimento de poucos. Considerava o imperialismo um mal negócio para a nação, mas ótimo para determinadas classes sociais e certos grupos industriais e financeiros do país. Os gastos com armamentos e guerras eram uma avaria para economia, porém interessantes aos negócios de ramos industriais.

Aunque el nuevo imperialismo ha sido un mal negocio para la nación británica, ha resultado rentable para ciertas clases sociales y para ciertos grupos industriales y financieros del país. Los enormes gastos armamentistas, las costosas guerras, los graves riesgos y situaciones embarazosas para la política exterior, el impedimentos y frenos a las reformas sociales y políticas dentro de la Gran Bretaña, aunque hayan sido dañosos para la totalidad, han resultado muy provechosos para los intereses económicos de ciertos grupos industriales y profesionales.⁴

³ HOBSON, 1981, p. 61-62.

⁴ Idem, p. 66.

Também se manifesta contra as guerras, denominadas de imperialismo agressivo, uma vez que se pensa mais no próprio país do que no ser humano, minando o processo de cidadanização.

La catastrófica locura que suponen las guerras, los daños morales y materiales que infringen, incluso a los vencedores, resultan tan claros para el espectador imparcial que se sentirá inclinado a pensar que nunca habrá un Estado con sensatez, y que estas especies de cataclismos naturales que son la guerras entranán algún tipo de irracionalidad última en la vida política.⁵

Grandes gastos públicos em equipamento militar produzem enormes benefícios quando eclode ou esta prestes a eclodir uma guerra. Novos empréstimos públicos e flutuações nas bolsas nacionais e internacionais, mais cargos diplomáticos, mais investimentos no estrangeiro, aquisição de mercados são alguns dos desenrolares das guerras. Por meio destes canais, milhares de empresas de grande capital e com influência política em questão de negócios realizam investimento no exterior, superando as cifras de importação e exportação. As classes e grupos beneficiados pelo imperialismo, Hobson denominou parasitas econômicos do imperialismo, principalmente as que lucram mediante o capital financeiro. Tais parasitas, associados ao Estado, implementam a política protecionista, vital para o imperialismo, mas rechaçada por Hobson, que se revela um defensor do livre cambio para o desenvolvimento das nações.

Estas consideraciones han de hacernos desear a nosotros, británicos, que las demás naciones también se expandan y desarrollen, y esperar satisfechos a que nos lleguen los beneficios que hemos de recibir de cada incremento de la riqueza mundial, a traves de los procesos normales de intercambio comercial.⁶

Segundo Hobson, os partidarios do imperialismo dizem que para conseguir novos mercados é necessário anexar-se a outros territórios, sendo isso uma medida de política sensata para todos os países industriais. Assim, os partidários seguem investindo seu capital excedente em lugares e práticas mais lucrativas; e alegam:

Necesitamos ineludiblemente mercados para nuestra creciente producción industrial, necesitamos nuevas salidas para invertir nuestros sobrantes de capital y las energías del excedente de nuestra población. Esa expansión es una

⁵ Ibidem, p. 66

⁶ Ibidem, p. 84-85.

necesidad vital para una nación con la grande y creciente capacidad de producción que tiene la nuestra.⁷

Mucho mayor y más importante es la urgencia que tiene el capital de encontrar en el extranjero negocios en los que invertir. Además, mientras el fabricante y el comerciante se contentan en comerciar con las naciones extranjeras, el inversor tiene una decidida tendencia a procurar la anexión política de los países en los que radican sus inversiones más especulativas. Está fuera de toda duda que los capitalistas presionan en este sentido. Se ha acumulado un gran volumen de ahorro que no se puede invertir lucrativamente en Inglaterra y tiene que encontrar salida en otros lugares. Naturalmente, redundan en beneficio de la nación que ese ahorro se utilice hasta donde sea posible en tierras en las que pueda servir para abrir nuevos mercados al comercio británico y crear empleo para la iniciativa privada.⁸

Para tal, a expansão imperial era necessária, dado que caso se renunciasse a ela, a direção do desenvolvimento do mundo ficaria nas mãos de outras nações, o que prejudicaria o comércio internacional, fundamental para a sobrevivência da população. Todavia, ao analisar os fatos, Hobson percebeu que as últimas anexações da Grã-Bretanha foram a um alto custo e somente foi capaz de proporcionar mercados pobres e inseguros. Por outro lado, o volume de comércio com suas possessões coloniais se manteve estacionado e as operações comerciais mais lucrativas se realizava com nações industriais rivais, cujos territórios não se podia forçar.

Na época da competição entre países, deu-se o processo de fusão de empresas (*trusts*), que colocou em poder de poucos empresários industriais uma enorme quantidade e riquezas, criando uma poupança automática. O investimento dessa poupança em outras indústrias contribuiu para colocá-las sob o controle das primeiras empresas fusionadas, encontrando, dessa forma, novos investimentos lucrativos. Paralelamente, o desenvolvimento da sociedade industrial eleva a demanda da população que tende a absorver um novo capital para satisfazer suas necessidades.

O problema surge quando o índice de poupança é proporcionalmente maior ao consumo nacional, provocando que a capacidade de produção se torne superior ao índice de consumo nacional. Resultado disso é a superprodução, cuja solução é a redução continua dos preços até que os competidores mais débeis se arruinem, já que as vendas não cobrem os preços dos custos. Logo, o primeiro efeito da fusão é a ruína das empresas menores, sobrando as de melhor instalação, o que provoca acumulação de capital e aumento do nível de riqueza e

⁷ Ibidem, p. 86.

⁸ Ibidem, p. 89.

conseqüentemente uma maior poupança. Então, o novo capitalista tem que buscar outros investimentos para sua poupança já que seu setor está saturado de capital que não pode mais absorver. Desse modo restava ao capitalista ou exportar mercadorias aonde não houvesse concorrência ou investir capital em áreas lucrativas.

Essa repentina necessidade de mercados estrangeiros para as manufaturas e investimentos foi a causa da adoção do imperialismo como linha política e como prática dos parasitas para tentar monopolizar o resto dos mercados. Devido a isso, a maioria dos países criou barreiras aduaneiras para opor-se as importações de produtos estrangeiros nesse contexto de ameaça a economia nacional.

Se por outro lado, os consumidores elevassem seu nível consumo cada vez que a produção aumentasse, de modo que iguallassem a produção ao consumo, não haveria nem excesso de mercadorias nem de capital, portanto não haveria que recorrer ao imperialismo a fim de encontrar novos mercados. Ainda assim, o comércio exterior continuaria, mas a poupança que se formaria dentro do país poderia ser investida internamente. Contudo, o consumo não cresce no mesmo ritmo da capacidade de produção. Esse subconsumo bloqueia o rendimento máximo da capacidade produtiva, ou seja, o subconsumo gera a poupança do capitalista para posterior investimento. É essa poupança que gera o excedente de capital que ou permanece inativo, visto que o consumo não faz frente à produção, ou migra para áreas mais lucrativas no exterior.

Se a renda fosse distribuída de acordo com as necessidades, o consumo se elevaria sempre que houvesse crescimento da produção, uma vez que as necessidades humanas aumentariam e não haveria excesso de poupança. Todavia, onde a distribuição de riqueza não tem relação com as necessidades, um poder aquisitivo além da necessidade será atribuído a estratos da população, enquanto outros estratos serão privados do consumo básico.

Quando la distribución de la renta es de tal tipo que permite a todas las clases sociales de la nación convertir sus auténticas necesidades en demanda efectiva de bienes, no puede darse superproducción, ni subempleo de capital o mano de obra, ni hay necesidad alguna de combatir por los mercados extranjeros.⁹

Pode-se dizer que Hobson relata que a abertura de novos mercados e novas áreas de investimentos não é resultado do progresso industrial, mas sim da má distribuição do poder de consumo, que impede a absorção de mercadorias e capitais dentro do país. O excesso de

⁹ Ibidem, p. 98.

poupança constitui a raiz econômica do imperialismo, cujas rendas e benefícios não são ganhas com trabalho manual ou intelectual, mas sim pela ação parasitária dos capitalistas em uma economia mal administrada, onde a riqueza se acumula em excesso de poupança.

No hay necesidad de abrir nuevos mercados en el extranjero; los mercados nacionales pueden seguir creciendo indefinidamente. Todo lo que se produzca en Inglaterra puede consumirse en Inglaterra, con tal de que la renta, o capacidad de demandar bienes, esté distribuida adecuadamente [...]. Asignar a las clases poseedoras un exceso de poder de consumo que no pueden utilizar y que no pueden transformar en capital verdaderamente útil, es seguir la política del perro del hortelano, que ni come ni deja de comer [...]. El único sistema que puede dar seguridad a los Estados consiste en quitar a las clases poseedoras los incrementos no ganados de sus ingresos y añadirlos a los salarios de las clases trabajadoras o a la renta pública, para que puedan gastarse en elevar el nivel de consumo.¹⁰

Aumentando os investimentos, aumentam-se os salários, que por sua vez faz crescer os gastos ao invés de criar poupança. Isso provoca o crescimento do consumo, sem necessidade de lutar por mercados estrangeiros. Assim, a ampliação do nível de consumo corresponderia à elevação da capacidade de produção. Portanto, o remédio que Hobson propõe é uma reforma social – elevação de salários e aumento dos impostos e gastos públicos – que consiga majorar o nível de consumo público e privado da nação, de modo que esta possa alcançar a meta mais alta possível da produção. Por conseguinte, os sindicatos e o socialismo são inimigos naturais do imperialismo, visto que este lesa as classes trabalhadoras em favor do jogo das empresas capitalista.

Em suma e em outras palavras, esta teoria do excesso de poupança ou do subconsumo é fundamental na explicação que Hobson propõe do imperialismo. Afirma que ao acumular dinheiro em poucas mãos, pela má distribuição da riqueza, as massas têm pouca capacidade aquisitiva, o que causa uma queda no consumo. Esse subconsumo obrigará a indústria a diminuir a produção, repercutindo em greves, estagnação e depressão econômica. Destarte, o capital financeiro emigrará ao estrangeiro, a zonas onde possa obter maior lucratividade. A poupança ao mesmo tempo em que eleva o agregado de capital existente, reduz a quantidade de bens e serviços consumidos. A poupança inadequada resultará em uma acumulação de capital acima da quantidade necessária e tal excedente dará lugar à superprodução generalizada.

¹⁰ Ibidem, p. 100-101.

Por fim, Hobson discorre sobre os reguladores do motor imperial, as finanças. O crescimento do gasto público no início do século XX cresceu mais que o comércio exterior; mais de dois terços desse montante foram destinados a gastos militares e somente 30% para educação e administração civil. Os grupos financeiros e industriais (parasitas econômicos) extraem das nações cifras com o objetivo de melhorar seus investimentos, abrir novos campos lucrativos ao seu capital e achar mercados vantajosos para seus excedentes de mercadorias. Esses capitalistas também subornam outros grupos de interesse a fim de ganhar sua simpatia e conseguir seu apoio. Por tudo isso, o aumento do gasto público representa uma fonte direta de ganâncias para certos grupos econômicos bem organizados e influentes e para todos eles o imperialismo é o principal meio para conseguir esse aumento do gasto público.

[...] el imperialismo entraña la utilización de la maquina del Estado por parte de los intereses privados, principalmente capitalistas, para obtener beneficios económicos para sí mismos fuera del propio país. El predominio de este factor en la vida política impone características especiales tanto al gasto publico como a los impuestos.¹¹

No entanto, Hobson mostra que onde se vê mais claramente o sentido das finanças imperialistas não é no nível do gasto, mas sim nos impostos. A política de autodefesa dos grupos mais beneficiados será evitar que o peso do imposto caia sobre eles, procurando que a carga recaia sobre as classes sociais menos favorecidas ou futuras gerações. Para o autor, uma política fiscal aditada seria aquela que arrecadasse a totalidade ou a maior parte dos investimentos estatais não aplicados na produção, não perturbando assim a marcha da indústria. Essa política extingiria as atividades que constituem a raiz econômica do imperialismo, uma vez que são as porções ociosas dos investimentos que se acumulam de modo automático. Por outro lado, se os capitalistas quisessem colocar o peso dos impostos sobre o povo, deveriam fazê-lo sob a forma de imposto indireto, para que a população não soubesse o que estaria pagando. Mesmo assim, seria complicado impor essa política, dado que não seria possível em um governo democrático como o britânico. Assim, a razão econômica do imperialismo esta no desejo dos poderosos e bem organizados círculos industriais e financeiros de assegurar e potencializar mercados privados para seus excedentes de bens e capital.

¹¹ Ibidem, p. 105.

Por último podemos dizer que a criação da dívida pública é uma característica importante do imperialismo porque cumpre dois propósitos, segundo Hobson: oferece uma segunda forma de escapar dos impostos sobre renda e propriedade e oferece uma maneira lucrativa de investir poupanças que permaneceriam ociosas a espera de uma oportunidade mais rentável. Portanto, o imperialismo com suas guerras e produção de armas é responsável pelas crescentes dívidas das nações e somente poderá ser impedido por processos de democratização.

Para resumir a teoria de Hobson, a política do imperialismo era indesejável e poderia ser corrigida por uma ampla reforma no mercado interno inglês. A ampliação da capacidade de consumo deveria ser feita às expensas do capital rentista e especulativo (precisamente aquele que se beneficiava do imperialismo), com distribuição de renda e aumento da massa salarial. O crescimento das forças produtivas seria sempre acompanhado pela ampliada e equilibrada capacidade de consumo, de tal modo que até mesmo o mercado externo teria a sua importância drasticamente minorada. Assim, a expansão colonialista poderia adquirir o seu caráter benévolo e civilizador, eventualmente sob um governo democrático do conjunto dos Estados do Ocidente liberal. A formulação de Hobson pode ser considerada como sendo precursora da obra de John Maynard Keynes.

Não obstante toda sua explicação econômica do imperialismo, nesta mesma obra Hobson atribui, como já citado anteriormente, a essência desse fenômeno a fatores patrióticos, filantrópicos, políticos ambiciosos, de aventura e de espírito militar.

Dicho en pocas palabras, el nuevo imperialismo ha servido para aumentar el área del despotismo británico, que ha superado con mucho el progreso de la población y las libertades prácticas conseguidas por las pocas colonias democráticas que tenemos.

El nuevo imperialismo no há contribuido a la difusión de las libertades británicas, ni a la propagación de nuestro sistema de gobierno [...].

Esta vasta expansion del despotismo político británico ha provocado, dentre de la política nacional, reacciones que merecem la más seria consideración. Una especie de curiosa ceguera parece obnubilar la mente del británico de cultura superior, cuando se le pide que se represente mentalmente nuestro imperio colonial.¹²

Aunque sería muy difícil negar que la principal causa consciente del imperialismo han sido las ambiciones de los individuos o las naciones, se puede afirmar que en esta cuestión, al igual que en otros campos de la historia

¹² Ibidem, p. 131.

de la humanidad, existen otras y más poderosas fuerzas ocultas que laboran favor del progreso del genero humano. La enorme influencia que las teorías biológicas han ejercido sobre los pioneros de la sociología es facilmente comprensible.¹³

Y la historia inventa razones para demostrarnos que las enseñanzas que pueden desprenderse de los impérios del pasado no son aplicables al nuestro, y la ética social nos pinta las motivaciones del imperialismo como el deseo de poner sobre nuestros hombros la carga de educar e civilizar a esas razas “infantiles”.¹⁴

Todavía, são principalmente as considerações econômicas que repercutem no estudo e nos debates sobre o imperialismo, sobretudo para os marxistas como Vladimir Lênin, que embasa nitidamente suas pesquisas no trabalho de Hobson para escrever *Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*, obra que será analisada em oportunidade posterior.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Marcos Del Roio, pelo empenho, paciência e perseverança.

Referencias

ANDREUCCI, F. A questão colonial e o imperialismo. In: HOBSBAWM, E. (Org.). *Historia do Marxismo: o marxismo na época da segunda internacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 251-278.

BEAUD, M. *A história do capitalismo: de 1500 aos nossos dias*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COLE, G. D. H. *Historia del pensamiento socialista*. México: Fondo de Cultura Económica, 1963.

DEL ROIO, M. *O Império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo*. São Paulo: Ícone, 1998.

DOBB, M. *A evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

DROZ, J. *História geral do socialismo*. Lisboa: Horizonte, 1977.

¹³ Ibidem, p. 155.

¹⁴ Ibidem, p. 211.

FOMPEROSA. Prefacio, In: HOBSON, J. A. *Estúdio del imperialismo*. Madrid: Alianza Universidad, 1981.

HOBSEAWM, E. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBSON, J. A. *Estúdio del imperialismo*. Madrid: Alianza Universidad, 1981.

LENIN, V. I. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2005.

WALLERSTEIN, I. *O capitalismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ARTIGO RECEBIDO EM 2007